



NOTAS DO TEMPO

A Escola não goza de grande saúde

A Escola, a nossa Instituição Escolar, não goza de grande saúde. Não sei — não tenho essa pretensão — diagnosticar o mal. Parece-me que são muitos. Ocorre-me a imagem da diabetes que gera um quadro complicativo de outras doenças que, sós, não ofereciam grande dificuldade de remédio e, por causa dos *diabretes*, se tornam ruins de curar. Há alguns anos era assim. Não sei se a medicina já ultrapassou este escolho.

A verdade é que, apesar de várias *doçuras* que tomam, hoje, a Escola menos dura para todos em relação ao que acontecia décadas atrás, a Instituição não funciona bem. E, na linha das consequências, isso sim, vejo claramente que os alunos não são mais o centro quase exclusivo das atenções e dos cuidados de uma Instituição que é, primária e directamente, para eles e por causa deles. Várias problemáticas e outros interesses se misturam, que vão definhando nos Responsáveis o escrúpulo de toda e qualquer acção que possa afectar o bem dos alunos: Desde a instabilidade de programas e de pedagogias até às questões laborais que passam pela Escola à semelhança das Empresas. Não ponho em causa a razoabilidade dessas questões, mas sim o modo de questionar — que esse escrúpulo, coerentemente assumido, deveria salvaguardar prioritariamente o interesse dos que são a razão da Escola.

Umhas semanas atrás, houve uma paralisação geral nas Escolas que, em algumas, durou toda aquela semana. Ontem fui surpreendido por estudantes nossos no Porto de que terça-feira não há aulas «por causa de umas reuniões...» Hoje, pelos rapazes da C+S de Paço de

Sousa e da Secundária de Penafiel, que ficaram em casa por «testes que o pessoal da Escola ia fazer». Será que estes «festes» não poderiam realizar-se num sábado, ou em qualquer outra oportunidade, de modo a evitar o fecho das Escolas aos alunos? Esta semana mais um feriado. A próxima, outro... Serão salutarezes tantas interrupções?!

Outro dia, em programa televisivo sobre a Criança em que estivemos, houve unanimidade entre os intervenientes em que a maioria dos problemas que ferem a juventude têm causa no desconcerto que lavra no mundo dos adultos. Acho bem que sim!

Os tempos livres

«Comerás o pão com o suor do teu rosto» é condição universal de que nenhum filho de Adão pode dispensar-se. O trabalho é, pois, parceiro do homem no exercício da vida. E mal daquele para quem não o é, por deficiência de saúde ou falta de quem lho proporcione!

Mas o trabalho não é condenação; apenas alguma penosidade que resultou da infidelidade do homem ao projecto de Deus. De resto, ele é a grande oportunidade do homem se realizar e deixar marca da sua passagem pela vida. E um homem inteligente e cordato

Continua na página 4



O Fábio sorridente

MOÇAMBIQUE

O Povo está farto de ser sacrificado e até explorado dos bens e da vida

Os nossos rapazes são muito agressivos. Todos os dias há brigas. Vamos a razões e não as há. Mas que há brigas, há. Surpreende-nos e preocupa-nos encontrar com frequência lâminas de serra, da serralharia, já rejeitadas ou partidas, afiadas à maneira de faca. Por vezes até, bocados de madeira assemelhando-se a pistolas, mas

usadas com expressões que, com instrumentos verdadeiros, seriam caso muito sério. Temos tomado o caso com muita apreensão. E se não há dia sem briga, também não o há que, na oração da tarde, após um banho consolador, e «vestidos de lavado», como escrevia Pai Américo, não deixemos de falar-lhes na necessidade de moderar os instintos, de suportar os outros, de evitar os choques e confrontos e de perdoar como Cristo nos ensina, ou até pedir perdão quando já houver um toque verdadeiro de consciência. Nisto os mais pequeninos vão à frente. Há dias, o Celso e o Faustino estavam a brigar quando um dos mais velhos viu de longe e correu a castigar

os dois. O mensageiro, o próprio Faustino, veio dizer que o Agostinho bateu neles, quando já tinham dado as mãos. Ele, pequeno como é, achou que era injustiça, como foi, e veio denunciar, tendo o cuidado de dizer que já tinham feito as pazes.

Às vezes apetece-nos entrar na briga de tão pisados interiormente por estas atitudes, que demoram tanto a modificar. O bem há-de vencer estes corações tão mal amados e maltratados até ao dia em que entraram na Casa do Gaiato. Por isso não acrescentamos um mal a outro mal, para lhes ensinar que a violência não se vence com violência.

Continua na página 3



O nosso Padre José Maria percorre a machamba de Massaca I

Património dos Pobres

Vidas no charco

Já algumas vezes os vicentinos daquela terra me tinham convidado para ir ver as condições em que viviam algumas famílias numerosas. No sábado passado fui por aí fora, ainda de manhã. Fui sempre rentinho ao mar. A maior parte das terras de molho estavam alagadas e os milheirais ainda com a espiga. Muitas casas de habitação inundadas, sem acesso. Fui meditando nestes sintomas de pobreza. Era quase fim da manhã quando lá cheguei.

A tarde foi toda de corrida. Caminhos estreitos e carreiros de lama. A primeira habitação a que nos dirigimos foi a dos nove filhos. Tivemos de ficar ao longe. Nem com botas de borracha conseguíamos lá chegar. Veio ao nosso encontro a mãe com dois dos filhos, já habituados aos charcos de água. Disse-nos: «Estiveram cá ontem os senhores da Câmara mas foram-se embora».

A casa está a receber o telhado. Já tem os fios para ser electrificada. Um Amigo ofereceu as portas e janelas. Fizemos outro cálculo e deixei mais um cheque, de quinhentos contos, com a esperança de que já passem lá o Natal, e prometi estar também. Temos de sentir a

Continua na página 2

Conferência de Paço de Sousa

SOLIDÃO — «Hoje, nem todos querem saber dos familiares idosos, doentes, acamados — e caem sobre nós!», desabafa uma serva dos Pobres que às vezes deixa a panela no fogão para acudir a algumas emergências de *solidão e exclusão social*.

Recentemente, um especialista de Gerontologia, a propósito do Dia Mundial da Terceira Idade, revelou o martírio desta gente empurrada para o *caixote do lixo*, esperando assim, dolorosamente, o princípio do Fim.

Obviamente, este problema dos nossos dias, mais grave nas zonas urbanas (pela *corrida* veloz do tempo...), repercute-se já no meio rural onde os anciãos (especialmente os acamados), tinham lugar privilegiado no seio da família. Os idosos representam, agora, 14% da população portuguesa, com tendência para aumentar!

O desabafo da vicentina é pertinente, do ponto de vista moral, social, pois os(as) acamados(as) assistidos(as) pela *ajuda fraterna* são uma ponta do *iceberg*, requerem cuidados permanentes. Neste particular, a Caridade é inventiva e procura tornar as dificuldades.

HABITAÇÃO — «No próximo fim-de-semana temos de visitar duas famílias ocupantes de moradias do Património dos Pobres» — disse o presidente da nossa Conferência, com seu espírito jovem. São famílias que poderiam conservar melhor as suas casas deterioradas por negligência.

Nestes casos específicos, não é trabalho fácil persuadi-los a terem amor à sua habitação... Mas, para além de incutirmos normas de vida, respeito por um bem comum aos Pobres, a nossa missão servirá de estímulo à promoção social de cada um. E a alguns, poucos, cuja situação económica evoluiu para melhor, no decorrer do tempo, procurar que reparem os estragos na medida do possível. «Não se pode ajudar continuamente as pessoas fazendo o que elas deviam fazer por si próprias» — máxima de Abraham Lincoln, muito dentro do espírito de Pai Américo.

PARTILHA — «Avó de Sintra» caminha na frente mai-lo óbolo mensal: «Com a ajuda do Senhor (...) junto a pequenina ajuda para a 'Família do costume' que considero muito».

Outra presença assídua, assinante 14493, do Porto: «Para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus e entrando na procissão dos que 'devem' ajudar quem está em necessidade, junto a contribuição do mês de Novembro, acrescida de mais uns escudos para juntar a outros».

Assinante 5471, do Porto: «Sempre que posso, gosto de enviar a minha migalhinha para o que for mais urgente. Por isso, aqui estou a fazê-lo e espero ser mais assídua. Peço as vossas orações. Não me agradeçam, por favor. Uma grande Amiga que não esquece os Pobres».

Assinante 5241: «Segue um cheque (cinco mil escudos) para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Peço perdão pelo meu descuido. Quem precisa não pode esperar — e eu sou muito descuidada. Hei-de dar contas deste meu 'pecado'. Peço orações por minha filha, de vinte anos, no pré-postulado numa congregação religiosa. Que ela saiba aceitar com muito amor e disponibilidade este

Pelas CASAS DO GAIATO

chamamento do Senhor que tanta alegria nos veio dar. Não nos achamos dignos desta Graça de Deus. Pedir por elas.

Com toda a alma e coração!

O costume, e mais «o subsídio de Natal», do casal-assinante 11902, do Fundão. Dez mil, da assinante 31254, de Fiães: «É oferta de minha mãe que faleceu recentemente. Seja por sua alma. Agradeço o anonimato». Mais dez mil, do assinante 16696, de Venda da Adelaide, «a fim de melhorarem o Natal de alguém necessitado que, infelizmente, são tantos». Mais o remanescente de contas, com O GAIATO, do assinante 19148, do Porto — que não vemos há anos!

Fecha a procissão a assinante 31104, de Lisboa, com um cheque «para os habituais destinatários e tudo em memória dos meus entes queridos. Há dias, li numa revista um pensamento que vem precisamente ao encontro do que penso e sinto: 'O que fizeres em memória deles se transformará em lenitivo às suas aflições, atestado inequívoco de afeição que não passará despercebido por eles'. É o meu veemente desejo. Nas Mãos de Deus ponho as minhas intenções». Muito bem!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

LIMPEZAS — O Neca ainda colabora com os 30 rapazes da lenha. Esse trabalho é um dos mais frios porque ao longo da manhã cai em cima das mãozinhas de cada um.

Todos os fins-de-semana agarram nas vassouras e nos dois carros da lenha para tratar da nossa Aldeia. O Neca construiu uma escada no parque onde habitualmente os miúdos brincam.

VISITANTES — Têm vindo poucos por causa do tempo frio e húmido. Mas há os que não faltam porque gostam de ver a nossa Aldeia e de conversar connosco.

HOSPITAL — A menina Adelaide, que toma conta do Hospital, tem lá agora rapazes com febre e varíola. A doença começou num e já vai em sete deles. Por isso, não podemos lá entrar para se evitar o contágio.

«Spock»

CAPELA — O nosso Padre Júlio reparou que os bancos da Capela estavam riscados e mandou-os para a nossa carpintaria, envernizá-los, etc. Agora está tudo bem.

FÉRIAS — Chegou a altura do nosso Padre Carlos gozar as

suas férias. Só pôde ser agora, talvez por ter alguns assuntos a tratar.

Fui passar um fim-de-semana com ele e gostei imenso, porque o comer era feito por nós. À noite não se ouvia o barulho dos carros, apenas o das aves. Graças a Deus terminou bem!

OBRAS — Resolveram fazer novos caminhos na mata, contratando uma máquina para o efeito.

Estão a reconstruir também o muro que separa o Mosteiro, desta Vila de Paço de Sousa, da nossa Casa do Gaiato.

OFERTAS — Agradecemos as ofertas do Continente, das firmas de yogurtes e uma surpresa feita por uma fábrica de colchões, a MOLARTE.

Xavier

DESPORTO — Temos um Grupo Desportivo dedicado a algumas modalidades, com mais evidência ao futebol e também ao Karaté. São desportos aos quais os rapazes aderem mais. Quanto a outros, o basquetebol e o andebol, não os praticamos por falta de espaço e de material. Quem nos dera um salão desportivo...!

Falando agora de futebol, mais uma vez entramos em acção: Em 20 de Novembro o Grupo Desportivo Água Nova — Figueiró. Um jogo muito animado. Resultado final: 4-4.

Em 28 de Novembro, defrontámos o Grupo Desportivo de Cadeade — Paço de Sousa. Partida jogada debaixo de chuva. Mesmo assim, praticou-se um futebol aceitável. Resultado final: 7-2 a nosso favor. Continuamos invictos!

No próximo dia 18 de Dezembro, pelas 15 horas, defrontaremos aqui os juniores do F. C. Porto.

Repórter x

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Hoje, o objectivo da nossa visita foi a Margarida. O pai pô-la fora de casa, tinha 16 anos, e ficou grávida, sem habitação, a viver num prédio abandonado. Ainda no ventre materno, a bebé já sofria a má preparação da mãe, várias vezes internada no hospital por falta de cuidados e de alimentação. Como a sua saúde inspirava cuidados, uma assistente social encaminhou a menina para uma instituição de assistência e foi adoptada por uma família.

A Margarida tem agora 18 anos, continua na mesma situação, ficou novamente grávida e deu à luz uma menina.

No hospital, já conhecedores das dificuldades da mãe,

tentaram ajudar a recém-nascida, cujo parto prematuro obrigou a bebé a ficar na incubadora até ser desintoxicada e livre do perigo. Como demorava a entrega da filha para além do tempo que ela imaginou, foi reclamá-la. Foi-lhe dito que a menina ainda não tinha alta e as pessoas para o fazer não estavam lá de momento. O grito da mãe ecoou. E barafustou. Já na posse da filha apressou-se a alugar um quarto para elas e o pai das meninas. A falta de alimento obrigou-a a ir para a rua às 5 horas da manhã procurando dinheiro para o leite, pagar o quarto, mais o vício da droga. Ele não trabalha, mas é o companheiro e pai das crianças. Não deu a morada do quarto a ninguém com medo que lhe tirassem a menina. Do hospital fizeram accionar, pelos meios legais, a presença da mãe e da filha.

Diligenciámos junto da avó para a localizar e podermos ajudá-la.

Recebemos de uma família, de Vila d'Este, roupas e uma alfofa de bebé para uma pessoa que tivesse necessidade. Que jeito fez à Margarida! Mas ela precisa mais do que isto para continuar a desintoxicação e organizar a sua vida.

O que temos não é o suficiente, pois são muitas as pessoas que ajudamos.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — A. S. Reis, Lisboa, 5.000\$00: «Envio esta pequenina oferta para aquilo que julgardes mais necessário». Assinante 26152, 1.000\$00, para «um caso mais urgente, por alma dos meus queridos pais de quem tenho muitas saudades».

Anónima, de Fiães, vinte mil, «para ajudar nas vossas visitas aos necessitados». M. M., Porto, 10.000\$00, sendo 3.000\$00 para a renda da casa da senhora idosa e o restante para a mãe solteira. Amiga, da Holanda, 7.000\$00 para os meninos da sra. Lurdes.

Bem hajam a todos pela ajuda que nos dão.

Conferência S. Francisco de Assis — Rua D. João IV, 682 — 4000 PORTO.

Adelaide e Zé Alves

TOJAL

OBRAS — O nosso Padre Cristóvão pensa modificar o escritório.

Quando as pessoas vierem entregar donativos com certeza notarão o escritório alterado.

ESCOLAS — Não tem sido bom o aproveitamento dos estudantes do Liceu. Com a primeira entrega dos testes, o nosso Padre Cristóvão não ficou satisfeito. Temos que nos esforçar porque se não, haverá

apenas uma semana de férias para os que tiveram negativas.

VISITAS — Recebemos algumas excursões e muitos amigos e amigas com ofertas e donativos. Agradecemos e esperamos que continuem a dar-nos o gosto das vossas visitas.

FRUTA — Agradecemos a «Frutar» uma dádiva de frutas e cenouras.

Há muito tempo que não recebíamos uma carrada tão grande. Já temos os pratos cheios, na sobremesa, ao almoço e ao jantar.

G. N. R. — Agradecemos à Guarda N. Republicana as ofertas de boa roupa. Sempre que a apreendem, a qualquer vendedor sem licença, encaminham a mercadoria para nossa Casa.

Frederico

FUTEBOL — Não realizámos nenhum jogo. O tempo está muito cinzento e frio. No entanto, não deixámos de jogar futebol. Com sol ou com chuva, entretemo-nos com a bola.

Joaquim Miguel

MIRANDA DO CORVO

OBRAS — A nossa casa-mãe está pronta. E tudo limpo. As obras têm andado muito paradas. Esperamos continuar o arranjo dos azulejos junto à sala de jantar.

CARAS NOVAS — Chegaram a nossa Casa dois gémeos. Vieram de Lisboa, têm sete anos e são muito barulhentos. Perturbam no meio do Terço, etc. Esperamos que se habituem ao nosso ambiente, diferente de onde eles viviam.

AGRICULTURA — Continuamos a apanhar azeitona na terra do poço-novo e outras mais. E já começámos a semear os alhos.

ESTUDANTES — O aproveitamento escolar, no Lar de Coimbra, corre bem para os que estudam e mal para os que não estudam. Tem havido mais negativas, relativamente ao ano passado. Esperamos que os estudantes se agarrem mais aos livros e ajudem os nossos chefes a manterem a ordem.

Património dos Pobres

Continuação da página 1

ferida de toda aquela família a continuar *morando* onde viveram animais.

Tu que me lês, tens de te incomodar também para que este cheque não seja passado em branco e sejas testemunha de defesa.

Vidas na lama

A seguir, por caminhos e carreiros de quintais, fomos ter a um pinhal. Barracas de barracas de madeira, cobertas a meias com latas e tábuas velhas. Tudo fora da lei. Tudo sem condições de vida humana. Tudo clandestino.

Mais adiante fomos contemplar a cúpula das visitas deste nosso dia: dez filhos menores e os pais a viverem em casotas que já foram de porcos.

Cruzei os braços junto ao peito. Perdi parte da voz. As pernas já não queriam caminhar. Numa das casotas estavam duas camas com colchão e farrapos, tudo a cheirar muito mal. O tecto era forrado com pedaços de papelão para receber a chuva que caía nesse e nos outros dias.

As restantes casotas eram do mesmo modo. Tudo em desalinho e muito sujo. Tudo muito negro de abandono. Sem luz e sem ar. Só paus e lama a cercar.

As crianças quase todas descalças e com os pés muito enlameados. O mais novinho só com a camisita vestida. O pai deitado em cima duma cama. A mãe rodeada pelos dez filhos a lamentar a sua sorte. Nós sem uma palavra de esperança presente para lhes dar.

O terreno que habitam é da família. A poucas dezenas de metros há energia eléctrica pública. Já têm um poço com bomba.

Porque não havemos de ajudá-los a construir uma casinha onde possam crescer e viver como nossos irmãos, porque filhos do nosso Pai — Deus? Porque não hão-de ter Natal fora da lama?

Voltei a casa, muito amachucado, a ver a bela igreja e muitas casas ricas daquela terra e fui procurando encontrar pistas que nos levem a ajudar estes Pobres. Já escrevi àqueles vicentinos que se incomodem mais e incomodem também os seus familiares e vizinhos. É necessário darmos as mãos. Todos nós.

Padre Horácio

SETÚBAL

Um banho de humanidade sobrenatural

A vida espiritual do homem é a sua espinha dorsal. Sem coluna não há corpo que se agüente. Sem vida espiritual todo o homem definha.

Todos os conhecedores e construtores do homem, através dos tempos, assumiram este axioma como um dado indiscutível.

O Padre Américo não fugiu à regra deixando-o expresso de uma forma tão simples quanto sintética: «*Nas nossas Casas a vida espiritual é o centro*».

Toda a crise em que vemos mergulhados os homens do nosso tempo assenta as fundas raízes na vacuidade espiritual. Mesmo a crise económica; também ela é um sintoma.

Quando os pais me procuram, arrasados com insolúveis problemas dos filhos, a minha pergunta certa, após ouvir os dolorosos relatos é sempre a mesma: — Ele(a) teve alguma formação espiritual?

A inquietação maior da minha vida é fornecer aos rapazes princípios que estruturam a sua vitalidade espiritual. Entre as actividades levadas a cabo com este fim conta-se um retiro espiritual na nossa Casa da Arrábida, todos os anos.

Conhecedor atento da evolução própria de cada rapaz, divido-os em grupos etários: pré-adolescentes, adolescentes, jovens e adultos.

A Casa é por si só um convite atraente. O sítio soberbo. A paisagem das mais belas e mais eloquentes. Foi um local que sempre conheci; e, Deus deu-mo com mais exuberância que o meu sonho!...

Desta vez foram os adolescentes. Dos 13 aos 16 anos. Trinta rapazes. Só

três não mostraram vontade de participar e ficaram em Casa.

O Padre Amorim, Capelão da Escola Naval do Alfeite, preparou-se muito bem com esquema, material e linguagem adaptados, evidenciando um sério zelo apostólico e muito carinho para com estes filhos de Deus! Uma consolação das que Deus dá!... E que nos obriga a ficar de mãos postas a dar graças!...

Três Padres novos da cidade ajudaram nas confissões e um deles, reitor do Seminário, veio também celebrar a Missa dominical à comunidade de fé que se reúne na Casa do Gaiato para eu estar mais disponível na Arrábida.

Gozei imenso o encontro dos Padres novos com os filhos da rua; também filhos de Deus! Fez muito bem a uns e a outros! Tenho a certeza.

A adolescência, sendo um período perturbado da vida humana, é uma época fecunda e determinante. Há, por isso, que ter muita atenção aos que por ela passam. É a idade dos sonhos por excelência. O ciclo próprio para desenhar o ideal ou perdê-lo para sempre. A altura exacta para fundear bem os alicerces da personalidade. Descobrir o que se é e o que se quer ser. Descortinar os valores e contra-valores do Homem.

O Padre Amorim trouxe-lhes a imagem encantadora do barco que se larga ao mar. O barco que é cada um. O mar que é a vida. Os cuidados a ter no porto antes da saída, as previsões numerosas exigidas para enfrentar as tempestades e não se afundar. O Farol que é Cristo. E a bússola a Sua Palavra.

Eu quis falar com cada um em particular. Os rapazes não se confessam a mim. Não deve ser. Nem eu, nem eles querem. Não é preciso. Eu conheço-os bem. Conheço a sua história e percebo a sua evolução.

Foram trinta conversas diferentes. Cada um com um mundo próprio: uma riqueza humana diversa que é necessário realçar e apreciar diante dos seus olhos; e defeitos que temos de corrigir. Foi uma oportunidade soberana para eles sentirem quanto os aprecio e gosto deles e uma ocasião ímpar para analisar as imperfeições mais salientes de cada qual.

Conversas amigas que marcam muito e estimulam. Quando, já na Casa do Gaiato, entrei no quarto, encontrei, metidos debaixo da porta, dois papéis de um deles, a dizer do seu arrependimento, mais ainda do firme propósito de emenda.

Cristo é verdadeiramente a Luz do Homem. A única que nunca cega. Ele é a espinha dorsal da humanidade. O Verdadeiro e exclusivo Homem. Com Ele todos nos temos de rever para não perdermos o Caminho que Ele é. Não só na adolescência, mas em todas as idades.

Um retiro na Casa do Gaiato é um banho de humanidade sobrenatural onde a Fé encaminha o homem e lhe dá o autêntico sentido da vida, projectando-o num ideal de plenitude, onde a insatisfação é sentimento permanente e Cristo a meta. Mesmo desenvolvendo todas as virtualidades, nunca faríamos um homem se, aos rapazes, dessemos somente a dimensão natural.

Padre Acílio

DOCTRINA



...Na ânsia de lavar mais e melhor.

O terceiro candeeiro de suspensão não se fez esperar; veio acondicionado dentro de dois cestos, já entregues no Cunha Pinto à ordem de quem o mandou e acompanhado de uma carta de apresentação com um lindo «muito feliz me sinto por ser útil à causa do gaiato». O oferente do primeiro também o fizera acompanhar de um sentido e generoso «nunca esperei que este candeeiro, tão velho em nossa casa, viesse a ter um fim tão bonito». Não se sabe que mais agradecer: se a oferta, se a legenda. E agora que se encontra cada um no seu lugar, luzidíssimos e aparelhados, viemos a descobrir que sem petróleo não dão luz! E mais se descobriu que cada litro dele custa actualmente dois escudos e muito há-de custar, em virtude das grandes actividades na terra, nos ares e no mar. Se tu estás em boas relações com a gerência de algum dos dois colossos (do petróleo), bem farias pedindo que despachassem uma caixa dele para Miranda do Corvo, guia de expedição enviada à regente da Casa do Gaiato. Pois não é verdade que a cura do garoto da rua deve ser de interesse colectivo?

O senhor «um tripeiro» vem todos os anos, no Outono, tentar a gente com notas de cem, em cartas por registar. A primeira chegou, há dias, na forma dos mais anos: «Cem escudos de um tripeiro». Quem será? Quando foi do cão da Sofia, este senhor deitou abaixo uma pancada das vinte e duas argolas que o prendiam. Este ano não tem a Obra da Rua o perigo de cães grandes, mas sim o caso urgente e agudo da máquina de costura, grande demais para as minhas possibilidades; talvez o simpático desconhecido me ensine o caminho mais perto e mais seguro de chegar até onde ela está.

MAIS roupas entregues em mão. Nestas, vinham alguns pares de meias de lã tão quentes e tão macias que eu, presumindo licença de quem dá, enfie um par delas nos pés e ando agora mais depressa e mais regalado. Se me vires passar na Baixa com meias de cor, não tomes a mal nem cuides que é fugir ao decoro eclesiástico. É pobreza.

E já agora, que me encontro em maré de pedir, venho lembrar-te as calças dos teus filhos, postas necessariamente de parte, que, a mocidade passa num instante. Não servindo já para eles, são oportunas para os pequenos habitantes da Casa, um dos quais trabalha em uma oficina de alfaiate da vila e ajusta facilmente ao corpo dos mais pequenos tudo quanto venha das tuas mãos.

SE eu pudesse descrever nestas curtas linhas a história social das dez famílias de outros tantos pequenos que actualmente povoam a Casa, tu havias de compreender que o meu jeito de pedir não nasceu comigo, mas é adquirido agora na experiência de casos de miséria alheia e nas lágrimas ansiosas que vejo cair. Baste, para amostra, o caso do último pequeno que entrou. Viúva com quatro filhos: um no sanatório, um no preventório, o mais velho, de quinze anos, empregado em Coimbra, sózinho, e a mãe no hospital! Se ele há quem chore ao ler estas regras tristemente verdadeiras, é unicamente porque antes tenho eu chorado. Não é jeito de nascença, este meu carpir de agora, que eu dantes não chorava nem pedia; é força da profissão que escolhi.

O. Amén. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2.º vol.)

ESCREVO de olhos postos na quadra festiva que se avizinha e com o coração tocado pela vida dos que me rodeiam. Assim deve ser sempre aqui e em qualquer lugar humano. É um repartir de Advento, aconselhado pelo Percursor.

A vida de comunhão com os Pobres é um caminho de beleza e encanto incomparáveis. Caminho desconhecido ainda por muitos. Não falta o sofrimento como companheiro de jornada. É uma dimensão imprescindível desta comunhão.

O Nuno, de quem já aqui falei, exultante com o seu regresso, fugiu novamente. O risco de o procurar e

Tribuna de Coimbra

Coração tocado pela vida dos que me rodeiam

trazer; o receio de o perder de novo, confirmou-se. Apanhou a porta do esertório da carpintaria entreaberta; sonhou com dinheiro lá dentro e não fez mal as contas. Seduzido por farturas às portas do Jardim Zoológico, foi-se de mala às costas, sem rasto.

O Nuno já veio tarde para nós. Treze anos adiantados e espigados; com muitas marcas de rua e carências de

amor de pai e mãe à mistura. A sua vinda para nós travou o processo de caminho para a Tutoria. Foi um padre da rua que o apanhou.

Nós não temos guardas à nossa porta e os «vigilantes» são «recrutados» de entre os que são «vigilados» — Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes. Todo o processo educativo em nossas Casas conta com a vontade do próprio rapaz. Ele é o interveniente principal da sua própria educação. Ao Nuno foi-lhe dada uma oportunidade que desperdiçou e uma família que ele não quis adoptar. Ainda aqui o respeito pela sua liberdade.

Há dias, fui buscar os «gémeos». São dois gémeos. Sete anos cada um. São dois adoráveis garotos. Não perdem ocasião de se fazer notar por modos e meios avessos a tudo o que seja ordem e disciplina. Não têm regras nem conhecem limites. São da nossa marca e andavam por lá ao «deus-dará». Um relatório escolar dá bem conta da situação: «Agressivos para com todos e até para com os adultos...». Órfãos de pai desde os dois anos e «privados» de mãe que optou por uma vida de «trabalho» a seu jeito... Há famílias de ambas as partes,

mas ninguém quer assumir responsabilidades. Vieram por intervenção do Tribunal de Menores — um reconhecimento oficial de que há por aí muito discurso bem pouco realista...

Quando me deparo com o Advento — preparação para o Natal — e mergulho nas vidas dos que me rodeiam, fico com receio de que o Natal possa ainda não acontecer daquela forma preconizada pelo Profeta e, mais uma vez, a estrela vá brilhar, lá longe, num ermo, sítio onde poucos a verão.

Padre João

Uma carta

«Tenho recebido regularmente o *Famoso* que vai servindo de meditação pessoal e, quantas vezes, de ajuda na educação dos filhos. A sociedade actual é extremamente agressiva e procura incutir, sobretudo através dos meios de Comunicação Social, o desejo insaciável de consumir. Muitas vezes temos dificuldade em levar os adolescentes e jovens a perceber o risco e que se caminha para um beco sem saída. Têm dificuldade em perceber o dom do serviço e da gratuidade. O GAIATO tem-nos ajudado quer na catequese

MOÇAMBIQUE

Continuação da página 1

Mas os mais velhos, já espigados e com tarimba, dificilmente se corrigirão. Aliás, temos o exemplo bem recente do povo da cidade, ofendido e espeznhado na sua pobreza, para não dizer miséria, reagindo de modo violento contra o aumento, em dobro, das passagens. Vimos, nas reportagens, como a criança da rua participava, em ar de festa, do acontecimento.

Se até hoje os donos de transportes não deram o braço a torcer, teme-se o pior. É oportuno tomar a lição dos acontecimentos. O povo está cansado de ser sacrificado e até explorado dos bens e da vida. Pressente-se com tudo isto que não há paz de espírito nem espírito de paz. «Nem bons ventos, nem bom casamento.»

Que Deus oiça, mais uma vez, os gemidos do Seu povo.

Padre José Maria

paroquial, quer na oração antes das refeições tomadas em família.

Vamos um pouco atrasados no cumprimento desta nossa 'obrigação' para convosco. Costumamos regularizar a assinatura em Setembro, altura em

que ocorre o aniversário do nosso casamento. Na altura não foi possível e do atraso pedimos desculpa e as vossas orações para que nos nossos filhos cresça a disponibilidade do serviço ao Irmão. Obrigado.

Assinante 42318

NOTAS DO TEMPO

Continuação da página 1

faz dele festa. Recordo, a propósito, este desabafo de Pai Américo: «Ao levantar-me, fico feliz por ter muito que fazer nesse dia». Um homem assim, livre que é, jamais olha o trabalho como escravatura. Sabe e procura dimensioná-lo à medida das suas capacidades. Toma-o tanto quanto, sem esquecer que o repouso, a distração, outros labores que o valorizam como ser espiritual, também fazem parte do trabalho e constituem condição do seu equilíbrio.

Daí que os *tempos livres* são essenciais ao homem mas, ainda assim, para que sejam autenticamente construtivos, não-de *ocupá-lo*. É uma ciência que se aprende e faz o homem *culto*, mesmo que não seja académica a fonte da cultura. Jardinar flores ou pequenina horta; reparações caseiras ou outros trabalhos manuais; o trato de animais; desportos... — podem ser essa *ocupação* válida, a par da leitura, da prática activa e passiva das mais diversas artes, de um passeio verdadeiramente recreativo, de uma conversa que enriquece quando há que dizer e que ouvir...

Sempre a validade dos *tempos livres* depende de um apetite cultural na origem da sua ocupação, a qual o sacia e o desperta, seja qual for a modalidade eleita.

Eu tenho tanto medo dos tempos livres: porque tão raramente se encontra a sabedoria de os ocupar e a apetência que lhe serve de fundamento.

Para a maioria, os tempos livres são ocasião de esvaziamento e de tédio. Na nossa experiência de tantos anos e tantas gerações não sei quantos dedos seriam precisos para contar os *sábios* desta espécie... Mas poucos, com certeza!

Por isso me desgostou a notícia, há pouco lida, de que na Alemanha se pretende a semana de quatro dias de trabalho. E me assusta o contágio que essas medidas dos «evoluídos» sempre produzem nos que o são menos.

E será mesmo que o povo alemão *evoluiu* para tanto descanso como, pelo trabalho, evoluiu dos escumbros de uma guerra às alturas a que se alcançou?! Não sei. Sei que para nós não será um grande exemplo!

Aproveitar o que parece não ter valor

As energias alternativas — eis um tema que sempre me seduziu. E penso que não por

acaso! Encontro neste interesse nexo com a vocação a que Deus nos chamou: o «lixo das ruas», para usar a expressão de Pai Américo.

Aproveitar o que parece não ter valor. Aceitar um trabalho cujo rendimento não promete resultados vistosos. Gastarmo-nos numa acção difícil de traduzir em estatísticas — coisa em que os homens mergulhados no mundo tanto se empenham! Pois não foi esta a vocação de Pai Américo incarnada na Obra da Rua?

Por isso não estranho este gosto e a atenção espontânea às notícias que deparo sobre este assunto, afinal momentoso, dada a progressiva saturação, e mesmo risco de extinção, de fontes de energia que têm alimentado o labor dos homens a partir da «explosão industrial».

Uns dias de férias permitiram-me ler mais do que é costume e dar conta da constituição de uma nova empresa que «visa essencialmente o desenvolvimento de unidades produtoras de energia, utilizando fontes renováveis, particularmente o vento e surge da necessidade de diversificar as fontes energéticas primárias tradicionais». Tal significa — acrescenta a notícia — «o reconhecimento de que o nível de desenvolvi-

mento das tecnologias de conversão das energias renováveis ultrapassou a fase de demonstração, sendo possível estruturar empreendimentos de dimensão significativa, com níveis de operacionalidade suficientes para rendibilizar os respectivos investimentos».

Folguei! Para aqueles que temem que o mundo não chegue para os homens, aí está «ultrapassada a fase de demonstração» de que Deus não falta com a matéria-prima, assim os homens ponham em acção o engenho com que Ele os dotou.

Folguei, sim. Mas fico à espera de ver no que a coisa dá.

Como continuo esperando de uma Instituição congénere, há anos instalada perto da nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, receitas práticas para o aproveitamento energético dos resíduos e «mantas» das matas, que têm sido e permanecem rastilho dos incêndios «fatais» que em cada Verão vão consumindo as nossas florestas.

Padre Carlos

PASSO A PASSO

Um tempo em que a Vida chama por nós

É uma grande graça que a Igreja nos oferece, este tempo litúrgico de espera da vinda do Senhor. Cansado de tantas coisas inúteis que serão levadas como as folhas das árvores pelo vento desta estação outonal, o Advento surge-me como uma grande oportunidade de dar força à renovação interior.

Esta necessidade de deitar fora tudo o que é accidental e imperfeito para que o essencial ocupe mais espaço, vem-me ao consciente por analogia com o estado actual da natureza — após ter atingido a plenitude, veste-se agora com a sua nudez.

É um convite a assumir a própria fragilidade, a condição humana de ser criatura, para que Aquele que é o único Senhor da Vida, no-la venha comunicar mais profundamente, fazendo Presépio em nós.

Quando temos consciência disto, bem-aventurados somos, porque pobres. Sabemos que o Menino escolheu um ambiente de simplicidade e de pobreza para nele incarnar e a ele primeiramente anunciar a Boa Nova da Salvação. É este ambiente interior que o Advento nos ajuda a criar, para que se dê a conversão e a consequente mudança de critérios e atitudes na vida. Só assim os nossos gestos poderão ter a eficácia dos de Cristo Jesus, redimindo com Ele a realidade em que nos movemos.

O Advento é pois um tempo em que a Vida chama por nós. Como só vive verdadeiramente aquele que tem consciência, é preciso parar, como a natureza, e deixar-se trabalhar por Aquele que vem renovar todas as coisas. Tempos destes, de paragem activa, constituem hoje grandes lacunas que esvaziam a vida de muitos homens e mulheres. Daqui, talvez, a muita falta de convicções próprias e a abundância de consciências sem voz. É preciso parar, para que Ele venha fazer em nós Sua morada e nos comunicar o Seu Saber.

Tal como a vida é comunicada aos elementos da natureza a partir do seu interior, levando-os aos mais belos estados, também nós somos vivificados a partir do nosso íntimo para chegarmos a ser homens plenamente.

Demos os passos na direcção daquilo que somos interpelados a realizar — façamos Advento. Não se trata certamente de um convite que a Igreja faz, individualmente, a cada homem, mas a toda a comunidade. Tal como agora, esta porção da natureza se renova e enche de vida, também nós sejamos capazes de nos abrir à novidade a que o amor de Deus permanentemente quer dar origem.

Padre Júlio



Que belo mamoeiro junto à casa-mãe da nossa Aldeia de Malanje!

ENCONTROS em Lisboa

Precisamos de acordar...!

Ao aproximar-se o Natal, parece que dentro de mim soa com maior violência a frase que todos os anos ouvimos na Missa da meia-noite ou Missa do nascimento de Jesus: «Não havia lugar para eles». Antes de vir para a Casa do Gaiato não podia imaginar que um dos meus maiores problemas de consciência e também uma das maiores causas de sofrimento seria o ter que diariamente dizer não. Ao longo do ano são cerca de 300 pedidos a que invariavelmente respondo: — Não. Não tenho lugar. Belém está novamente presente. Depois de tantos Natais a resposta continua a ser a falta de lugar.

Que vai acontecer a todos estes jovens para quem não há lugar? Sei que o que se passa conosco passa-se ao nível das outras instituições. Demasiados pedidos para as vagas existentes. Os casos da criança e jovens que chegam às diferentes instituições poderiam constituir uma boa medida para aferirmos da qualidade humana de uma determinada sociedade, no caso vertente, da sociedade em que vivemos e da qual nos tornamos parte responsável.

Seria fácil fazermos rapidamente um diagnóstico da nossa sociedade a partir das situações que nos batem à porta. Algo vai mal. Parece-me que precisamos de acordar, despertar do sono, não cruzarmos os braços para dizer está mal e passarmos adiante encostados ao muro das lamentações. Muito mal é feito por

nós — por causa da indiferença face aos problemas.

Há situações que se podiam remediar se houvesse um diagnóstico a tempo. Vejo isso em muitos casos que nos batem à porta devido aos maus tratos por que passa a criança. Só houve aflição quando a criança começou a fazer fugas, a dormir fora, a andar por aqui e por ali, a

trazer marcas profundas nas costas ou na cara. Nesse momento os ódios já são demasiado profundos, a comunicação ultrapassou as marcas do voltar para trás à espera de um entendimento. Se estivéssemos mais atentos, poderíamos, no princípio, criar-se condições para se ultrapassar os problemas de forma serena e gradual e a criança poderia viver no seio da família recuperada e harmonizada.

Houve há pouco tempo uma semana de reflexão sobre os casais divorciados e sobre os que voltam a organizar a sua vida constituindo novo agregado familiar. É um bom desafio pastoral nos dias de hoje. Creio que ainda estamos muito longe de aprofundar todo o drama desse sofrimento, sobretudo no tocante aos filhos. Quase diariamente me aparecem situações dessas com incompatibilidades quase insuperáveis e quantas vezes com pressupostos errados em que tudo termina: o meu filho, ou o filho dele ou dela não tinha mais do que aceitar a situação. Tudo isto é fácil de racionalizar, muito difícil de vivenciar porque, nos jogos e resoluções dos adultos, muitas vezes as crianças e jovens ocupam um lugar apenas de verbo de encher. Neste Natal que se aproxima vai também para eles o meu pensamento: Não há lugar.

Padre Manuel Cristóvão



Gaiato

Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Poço de Sousa — 4560 Panafel
Tel. (055) 752265 - FAX 753799 — Corl. 50076898 — Reg. D. G. C. S. 100396 — Depósito Legal 1229

Tiragem média, por edição, no mês de Novembro: 73.750 exemplares.